

Educação Física na escola indígena dos Borari da terra indígena Maró

RESUMO

Este trabalho resulta da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) intitulada: Educação Física e Educação Escolar Indígena: o caso dos Borari da Terra Indígena Maró. A pesquisa teve como objetivo geral compreender o desenvolvimento do componente curricular Educação Física em uma escola indígena do município de Santarém-PA. A pesquisa caracterizou-se como um estudo exploratório e os dados produzidos foram analisados mediante a técnica da Análise de Conteúdo. Os resultados encontrados demonstraram que o componente curricular Educação Física estava organizado na escola indígena a partir de uma sistematização em três grandes categorias de ensino: Jogos e Brincadeiras, Práticas Corporais Tradicionais e a Modalidade Esportiva Futebol, conteúdos que foram sistematizados pelos docentes indígenas mediante a necessidade de implementar uma proposta de ensino diferenciada em sua escola, na qual os conhecimentos tradicionais presentes no cotidiano indígena são introduzidos na instituição escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física; Educação escolar indígena; Práticas corporais tradicionais

Ingrid Coelho de Jesus

Mestra em Educação

Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Santarém, Brasil

Ingridjesus1304@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6282-8581>

Gilberto César Lopes Rodrigues

Doutor em Educação

Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Santarém, Brasil

gilbertocesar@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3960-5440>

Physical Education at the Borari indigenous school of the Maró indigenous land

ABSTRACT

This work results from the master's research of the Graduate Program in Education of the Federal University of Western Pará (UFOPA) entitled: Physical Education and Indigenous School Education: the case of the Borari of the Maró Indigenous Land. The general objective of the research was to understand the development of the Physical Education curricular component in an indigenous school and can be characterized as an exploratory study in which the data produced were analyzed using the Content Analysis technique. The results found showed that the curricular component Physical Education was organized in the indigenous school from a systematization into three major categories of teaching: Games, Traditional Body Practices and the sport modality Football, contents that were systematized by indigenous teachers through the need to implement a differentiated teaching proposal in their school, in which the traditional knowledge present in the indigenous daily life is introduced in the school institution.

KEYWORDS: Physical education; Indigenous school education; Traditional body practices

Educación Física en la escuela indígena Borari de la tierra indígena Maró

RESUMEN

Este trabajo, es el resultado de la investigación para la maestría del posgrado en Educación Física de la Universidad federal del Oeste del Pará (UFOPA), titulada Educación Física y Educación Escolar indígena: el caso de los Borari de la tierra indígena Maró. La investigación tuvo como objetivo general comprender el desarrollo del componente curricular Educación Física en una escuela indígena, y puede ser caracterizado como un estudio de exploración, en que los datos recolectados se hicieron mediante una técnica de análisis de contenido. Los resultados encontrados demostraron que el comportamiento curricular Educación Física estaba organizado en la escuela indígena a partir de una clasificación de tres categorías de enseñanza, las cuales son: Juego y jugadas, prácticas corporales tradicionales y la modalidad deportiva fútbol, contenidos que fueron agrupado por los docentes indígenas, mediante las necesidad de implementar una propuesta de enseñanza diferente en su escuela, en la cual los conocimientos tradicionales presentados en el contenido indígena son introducidos en la institución escolar.

PALABRAS-CLAVE: Educación física; Educación escolar indígena; Prácticas corporales tradicionales

INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta de parte das análises empreendidas durante o desenvolvimento da pesquisa intitulada “Educação Física e Educação Escolar Indígena: o caso dos Borari da Terra Indígena Maró. A pesquisa decorre do interesse dos pesquisadores em compreender a inserção do componente curricular Educação Física (EF) no contexto da Educação Escolar indígena implementada em uma escola situada na Terra Indígena Maró, onde habitam as etnias Borari e Arapiun.

A Terra Indígena (T.I) Maró está localizada à margem esquerda do Rio Maró, afluente do Rio Arapiuns, Gleba Nova Olinda I, em frente à Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, no município de Santarém-PA. Neste território, há 03 aldeias (Novo Lugar, Cachoeira do Maró e São José III) e 03 escolas municipais (01 em cada aldeia) que fornecem atendimento educacional aos indígenas. Os indígenas Borari e Arapiun da T.I Maró são falantes do português tendo como referência memorial o pequeno uso da língua indígena Nheengatu (SILVA, 2011).

Ao longo dos anos 2000, as duas etnias passaram a reivindicar a implementação da Educação Escolar Indígena em seu território. Essa reivindicação decorreu de um progressivo avanço conquistado pelos indígenas nos últimos 30 anos, do reconhecimento de suas formas próprias de organização sociocultural, tradições, conhecimento e transmissão cultural.

Após cinco séculos de uma política de estado integracionista, em que a legislação nacional representada pelas constituições anteriores (1934, 1946 e 1967) apontava diretrizes protecionistas e orientava para a gradativa assimilação e integração dos povos indígenas à comunhão nacional, a promulgação da Constituição Federal de 1988 apresentou novos rumos à política indigenista brasileira.

Dentre as principais garantias firmadas na legislação nacional, destaca-se o direito à Educação Escolar Indígena, elemento que ganhou destaque na constituinte e assegurou aos povos indígenas a valorização das diferenças culturais e a organização de processos específicos de aprendizagem. A Educação Escolar Indígena pode ser caracterizada como o direito ao processo formal de ensino destinado aos povos indígenas, sendo a sua consolidação nos territórios diretamente ligada à atuação efetiva dos indígenas na elaboração de uma proposta que considere os conhecimentos relacionados ao seu modo de vida e os saberes oriundos da sociedade nacional (BRASIL, 1998).

No âmbito dos conhecimentos previstos para a modalidade Educação Escolar Indígena, destacamos o componente curricular Educação Física, assegurado pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (1988) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,

Lei Nº 9.394 de 1996, a qual considera que, na condição de disciplina, a EF “tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos (GONZÁLEZ, FENSTERSEIFER, 2009, p. 12)”. Portanto, a este componente curricular obrigatório cabe a função de propiciar às novas gerações a apropriação das práticas corporais produzidas pela humanidade que perfazem nossa cultura corporal de movimento.

A Educação Física, enquanto componente curricular obrigatório da Educação Básica, faz-se presente no currículo da modalidade Educação Escolar Indígena existente no município de Santarém-PA e assim como as demais áreas de conhecimento, possibilita um amplo campo de investigação. Conforme verificamos no âmbito das publicações acadêmicas desenvolvidas na região, não havia estudos que tratassem sobre a temática no município de Santarém-PA, panorama que decorre, sobretudo, devido à recente implantação da Modalidade Educação Escolar Indígena, a qual foi conquistada pelo grupo junto à Secretaria Municipal de Educação de Santarém-PA no ano de 2006 (ABREU, 2014; RODRIGUES, 2016).

A partir da compreensão da necessidade de estudos a respeito da Educação Física no âmbito da Educação Escolar Indígena no município de Santarém-PA, selecionamos como lócus de investigação a escola da etnia Borari da T.I Maró. Rodrigues (2016) relata em suas investigações realizadas na terra indígena, que nos últimos 07 anos os indígenas do Maró passaram a implementar uma proposta pedagógica de ensino diferenciada, realizando modificações no âmbito de suas escolas.

A proposta pedagógica que vem sendo consolidada na escola dos Borari, vem sendo conduzida pelas lideranças indígenas e coordenação pedagógica escolar, os quais passaram a organizar modificações na estrutura organizacional e no Projeto Político Pedagógico das instituições escolares, introduzindo conhecimentos relativos ao território e aos saberes indígenas, implementando em sua instituição de ensino o que no âmbito da legislação educacional pode ser caracterizado como Educação Indígena Diferenciada.

Nos últimos 07 anos os Borari vêm modificando os processos educacionais desenvolvidos na instituição escolar e transformando-a em um instrumento que atua em favor da manutenção territorial, étnica e identitária da cultura indígena. Nesse processo, os conhecimentos relativos ao território e à cultura indígena estão sendo inclusos na escola por meio da reorganização dos componentes curriculares e da organização de uma programação anual, a “Semana da Vivência Interdisciplinar da T. I. Maró” (RODRIGUES, 2018).

Considerando-se a proposta de Educação Indígena Diferenciada, e tendo em vista que a Educação Física carrega uma historicidade peculiar aos povos indígenas e singular entre os Borari da T.I. Maró e que este povo esteja em franco processo de reelaboração das atividades escolares para

atender suas especificidades e interesses por escolarização, esta pesquisa buscou resposta ao seguinte problema: Como o componente curricular Educação Física está sendo desenvolvido na escola dos Borari da T.I Maró para manter sintonia com a proposta de Educação Escolar Indígena?

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho é caracterizado como uma pesquisa qualitativa exploratória. Este tipo de pesquisa pode ser definido como aquele que possibilita ao pesquisador conhecer com exatidão um determinado local ou comunidade, uma vez que leva em consideração as características, os problemas e os valores existentes na realidade estudada (TRIVINOS, 1987).

A pesquisa de campo ocorreu durante o segundo semestre de 2019, na escola dos Borari da aldeia Novo Lugar da T.I. Maró. A instituição escolar foi selecionada mediante a verificação junto à Secretaria Municipal de Educação de Santarém (SEMED-STM) de que se tratava de uma das maiores escolas indígenas do município em quantitativo de servidores e alunos indígenas bem como a partir dos estudos realizados na terra indígena por Rodrigues (2016), que afirma o avançado processo de reorganização curricular desenvolvidos pelos indígenas em sua escola.

A primeira atividade de campo ocorreu durante o mês de setembro de 2019, período em que ocorria uma programação anual realizada pela coordenação escolar e lideranças indígenas, a “5ª Vivência Interdisciplinar da T.I. Maró”. Neste evento foi realizada a apresentação da pesquisa para os indígenas, ação necessária para que obtivéssemos a autorização das lideranças locais para a realização do estudo no território. A inserção dos pesquisadores no evento teve duração de 07 dias, período de aproximação com a realidade investigada e realização das primeiras entrevistas com os atores escolares (a diretora da escola, a pedagoga e um gestor pedagógico que atuava nas escolas indígenas do município).

Neste período, participamos da programação e passamos a observar as atividades realizadas pelos indígenas no evento, um momento oportuno para a familiarização com o lócus da pesquisa e compreensão da realidade indígena. Após esse primeiro momento, continuamos a pesquisa de campo acompanhando as atividades escolares durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2019. Neste período, foram observadas as aulas ministradas pelos 02 docentes que ministravam as aulas de Educação Física bem como as demais atividades pedagógicas desenvolvidas na instituição. Nesse

ínterim, os dados foram coletados por meio de técnicas como a observação participante, a realização de entrevista semiestruturada¹, filmagens das atividades escolares e anotações no diário de campo.

Realizamos a aplicação da entrevista semiestruturada com 09 atores escolares: a coordenação pedagógica (a diretora e a pedagoga da escola, além do coordenador pedagógico das escolas indígenas do município), os 02 professores que atuavam no componente curricular Educação Física, 02 lideranças indígenas (1º e 2º cacique da aldeia) e 02 professores da escola.

Posteriormente, durante o segundo semestre de 2021, obtivemos uma cópia do Projeto Político Pedagógico Indígena, documento que estava em fase de tramitação para aprovação junto ao Conselho Municipal de Educação de Santarém-PA (CME-STM). Este documento, possibilitou a análise de elementos fundamentais para compreensão da organização do componente curricular Educação Física no âmbito da proposta pedagógica diferenciada que estava sendo implementada na instituição escolar.

Os dados levantados foram analisados mediante a técnica denominada Análise de Conteúdo, que, de acordo com Laurence Bardin (1977), apresenta um conjunto de técnicas e instrumentos metodológicos por meio dos quais é possível analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais) tendo em vista produzir inferências dos textos (deduções lógicas) para seu contexto social de forma objetiva.

A Análise de Conteúdo apresenta como característica primordial a realização de inferências sobre as comunicações analisadas, uma vez que consiste em classificar os diferentes elementos segundo critérios suscetíveis de fazer surgir um sentido. É uma forma de sistematizar, compreender em profundidade e descrever os conteúdos presentes nas mensagens evitando ao máximo, a subjetividade.

Para obtenção dos resultados da pesquisa, organizamos os dados produzidos durante a pesquisa de campo em três fases requeridas na Análise de Conteúdo: A Pré-análise, a Exploração do Material e o Tratamento dos Resultados.

Durante a Pré-Análise, foram levantados e organizados os materiais produzidos durante a realização da pesquisa: os documentos obtidos junto à coordenação pedagógica da escola, os textos (transcrições) resultantes das entrevistas e os registros organizados no diário de campo. Após a organização dos dados, foi realizada a leitura flutuante do material e selecionados os indicadores que seriam utilizados para a elaboração das categorias.

¹ Optamos por adotar a entrevista semiestruturada uma vez que pode ser comparada a uma conversa sem uma ordem rígida e as perguntas são complementadas por outras específicas. As entrevistas foram realizadas de forma presencial com os 09 atores escolares e as respostas foram registradas através do uso de um gravador de voz da marca Sony ICD-PX312. Posteriormente, realizamos a transcrição manual das entrevistas obtidas.

Durante a fase da Exploração do Material, a qual consiste “em uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero, com os critérios previamente definidos (BARDIN, 1977, p.118)”, foram construídas as operações de codificação, isto é, anotadas as frequências dos termos (palavras, frases) presentes nos textos, recortadas e classificadas as unidades de referência (UR), de acordo os indicadores estabelecidos (eixos/temas) a fim de que fossem agregadas as categorias simbólicas ou temáticas. Na etapa do Tratamento dos Resultados, última fase da análise, foram deduzidas de maneira lógica as mensagens implícitas nos textos e organizadas as categorias em quadros temáticos, processo que resultou na apresentação dos eixos a respeito do objeto investigado e a análise e interpretação dos resultados. Desta forma, no terceiro momento da análise, foram apresentadas, por meio das categorias temáticas, as mensagens implícitas nas entrevistas e no diário de campo, e realizada a descrição e interpretação dos resultados encontrados.

DADOS GERAIS, ORGANIZAÇÃO FÍSICA E FUNCIONAL DA ESCOLA

Das 03 escolas existentes na T.I Maró, apresentamos a escola indígena dos Borari, situada na aldeia Novo Lugar. Conforme relato de Rodrigues (2016), o início das atividades escolares na aldeia remete ao ano de 1982, quando os moradores conseguiram junto à SEMED-Santarém a contratação de uma professora para ministrar aulas para os 29 alunos que compunham a primeira turma formada na aldeia.

Desde então, a SEMED-Santarém passou a coordenar as atividades pedagógicas desenvolvidas na escola, informando os conteúdos que deveriam ser tratados na instituição e encaminhando os professores para ministrar as aulas. Geralmente profissionais contratados com residência fixa em Santarém-PA.

Conforme verificamos no ano de 2019, na escola da aldeia Novo Lugar era ofertado o atendimento educacional às turmas dos Anos Iniciais e Finais da Etapa do Ensino Fundamental no formato multisseriado². O funcionamento da escola ocorria durante a semana dividido em dois turnos.

² O formato multisseriado, multisseriação ou escola multisseriada é uma forma de organização da escolarização em multisséries criadas tanto em países desenvolvidos como em países em desenvolvimento, tanto em zonas rurais, como em zonas urbanas. Nesse tipo de formato, alunos de anos escolares diferentes são colocados em uma mesma turma. Conforme explica Parente (2014, p.63), “são estreitos seus vínculos com o campo e com as regiões menos povoadas. Tal atraso na oferta educacional é muito mais visível em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Devido a este fato, há décadas, organismos internacionais vêm discutindo e fazendo acordos de modo a superar esses atrasos históricos”.

O turno matutino iniciava às 08 horas e finalizava às 12 horas. E o vespertino ocorria no período de 13h30min até as 17h30min.

As turmas estavam divididas do seguinte modo: uma turma multissérie do nível da Educação Infantil (pré I, pré II e 1º ano), totalizando 06 alunos, duas turmas bissérie nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: uma composta por alunos do 2º e 3º ano, com 10 alunos e outra turma onde estavam inclusos os alunos do 4º e 5º ano, com 09 alunos. No período matutino, agrupados em 4 turmas, havia 01 turma da etapa da Educação Infantil e 03 dos Anos Iniciais Ensino Fundamental, totalizando assim 25 alunos matriculados nas turmas deste período.

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental havia quatro turmas: uma turma do 6º ano, com 05 alunos, uma turma do 7º ano, com 02 alunos, uma turma do 8º ano, composta por 09 alunos e uma turma do 9º ano com 04 alunos, totalizando assim, 20 alunos nas turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Tabela 1 - Alunos matriculados na escola da aldeia Novo Lugar em 2019

EDUCAÇÃO INFANTIL	ENSINO FUNDAMENTAL		TOTAL GERAL
	ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS	
Pré I, Pré II e 1º ano (06 alunos)	2º e 3º ano (10 alunos)	6º ano (05 alunos)	45 alunos
		7º ano (02 alunos)	
	4º e 5º ano (09 alunos)	8º ano (09 alunos)	
		9º ano (04 alunos)	
06 alunos	19 alunos	20 alunos	

Fonte: Elaborada pelos Autores (2021).

Do ponto de vista da estrutura física, a escola funcionava em uma casa semelhante às demais residências dos indígenas. Construída pelos próprios moradores, a escola estava localizada no centro da aldeia, apresentava formato retangular, uma construção de madeira coberta com telhas do tipo “brasilit”, o piso em cimento queimado e instalações elétricas precárias.

Figura 1. Foto da estrutura física da escola (vista externa e sala de aula)



Fonte: Arquivo dos Autores (2021).

Como se verifica na figura 1, a escola não apresentava construção em alvenaria, era uma estrutura improvisada que gradativamente estava sendo construída pelos habitantes da aldeia. A escola era composta por três salas de aula, uma área atrás que funcionava como refeitório, 01 secretaria e 01 banheiro externo, erigido com material local (barro e madeira). Registra-se que, desde 2016, a prefeitura promete a construção da escola, mas até esta pesquisa nada havia sido feito.

A respeito deste elemento fundamental para o atendimento educacional na Aldeia Novo Lugar, os indígenas explicavam que esta era uma das principais demandas apresentadas junto ao município. Contudo, a reivindicação era negligenciada pela SEMED-Santarém que fornecia somente a contratação dos docentes e a merenda escolar para a instituição de ensino. “O prédio escolar é uma demanda pela qual lutamos e almejamos, pois tem sido os próprios professores, pais de alunos, comunitários e lideranças que organizam e constroem as salas de aula para atender os alunos por anos consecutivos (SANTARÉM, 2021, p.38)”.

O quadro de servidores municipais estava constituído por 09 funcionários: 01 diretora e 01 pedagoga (ambas atuavam na coordenação das três escolas do território), 01 educadora alimentar e 06 professores. Do quadro docente, havia 01 professor responsável por ministrar as disciplinas diferenciadas (Notório Saber e Língua Indígena Nheengatu) e 05 professores que ministravam os componentes curriculares previstos para a Etapa do Ensino Fundamental.

Conforme informações obtidas junto ao Projeto Político Pedagógico Indígena (PPPI) da escola, todos os professores atuantes na instituição apresentavam a formação em Licenciatura Intercultural Indígena, graduação que lhes capacitava para atuarem em 03 áreas de conhecimento: Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Sociais e Linguagens e Artes.

O componente curricular Educação Física na escola dos Borari era ministrado por 02 destes professores. Ambos eram indígenas do território, contudo, não apresentavam formação específica na área e ministravam todos os componentes curriculares nas turmas em que atuavam.

O primeiro, estava cursando Licenciatura Plena em Geografia, no curso de Formação Intercultural Indígena ofertado pela Universidade do Estado do Pará. O professor atuava em uma turma bisserie e ministrava aulas de Educação Física para as turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O segundo era licenciado em Linguagens e Artes pela mesma instituição e ministrava aulas para as turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Ao lado da escola havia um espaço amplo, que os indígenas chamavam de campo, devido ao seu formato retangular e demarcações feitas no chão que delimitavam uma área para a prática do futebol. Nesse espaço, eram realizadas as aulas e atividades relacionadas ao componente curricular Educação Física. Contudo, além das práticas escolares, o campo era utilizado pelos indígenas para a realização da modalidade esportiva futebol, prática comumente realizada pelos indígenas nos períodos de lazer e aos finais de semana. Portanto, o espaço era área de livre acesso e interação social entre a comunidade escolar e os demais integrantes da aldeia.

Embora este fosse o local mais frequente para a realização das aulas do componente curricular, havia outros ambientes na aldeia em que ocasionalmente foram ministradas as aulas, tais como o rio Maró (onde eram organizadas algumas práticas cotidianas indígenas: pesca e o banho no rio e a natação) e o Centro de Apoio da T.I Maró, situado em uma área central do território, onde ocorria anualmente o evento intitulado “Semana da Vivência Interdisciplinar da T.I. Maró”. Neste espaço, eram organizadas as atividades que envolviam conhecimentos sobre a natureza, sobre a manutenção e preservação do território, a utilização de plantas medicinais e o artesanato.

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA DA ETNIA BORARI DO MARÓ

Pode-se afirmar a partir das observações realizadas no território no ano de 2019, que o desenvolvimento das aulas de Educação Física na escola indígena estava organizado da seguinte maneira: as atividades referentes ao componente curricular ocorriam unicamente às quintas-feiras e tinham duração de 1h30min.

Neste dia, eram reunidas todas as turmas da escola (08) e devido ao número relativamente pequeno de alunos matriculados na escola (45), a Educação Física era realizada a partir de uma divisão em dois grandes grupos: as aulas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ocorriam ao final do período matutino e das turmas dos Anos Finais eram realizadas ao final da tarde.

Embora os professores não apresentassem formação específica na área de conhecimento, os docentes realizavam algumas atividades que haviam aprendido durante sua trajetória escolar. Afirmamos que havia, por parte dos profissionais, admirável empenho em organizar práticas corporais que estes consideravam estarem relacionadas ao seu contexto cultural.

Geralmente os professores organizavam jogos e brincadeiras populares, algumas modalidades tradicionais e o futebol, que consistia na principal modalidade esportiva praticada tanto nos momentos de lazer quanto nas aulas de Educação Física. Observamos também que, nos dias letivos, eram realizadas algumas atividades cotidianas que os indígenas consideravam estarem relacionadas ao conhecimento que deveria tratar a Educação Física em sua escola.

Para melhor compreensão acerca dos conhecimentos que estavam sendo tratados nas aulas do componente curricular, apresentamos no quadro abaixo, os conteúdos, atividades e práticas corporais que eram desenvolvidas pelos atores escolares na escola indígena dos Borari

Quadro 1 - Os conhecimentos (conteúdos, atividades e práticas corporais) tratados no componente curricular Educação Física dos Borari durante o ano de 2019.

EIXO: COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA			
Sub-eixo: Conteúdos de ensino e conhecimentos tratados no componente curricular			
U. R³ da Coordenação Pedagógica	U.R dos docentes de EF	U.R dos demais professores	U.R das lideranças indígenas
“A gente parte primeiramente do conteúdo da EF tentando relacionar as práticas indígenas: jogos e brincadeiras, a parte da dança, da música e tenta colocar não só os esportes , que o conteúdo programático nos exige que se ensine, mas tentando fazer de forma intercultural”. (CP1).	“Na maioria das vezes a gente faz o futebol , mas assim, é diferenciado”. [...] tem aquela brincadeira do mata que também utiliza bola e a gente inventa qualquer tipo de brincadeira .” (P1).	“É tudo voltado pra nossa realidade: brincadeiras de roda e também uma das práticas mais usadas é o arco e flecha , que todo dia, no caso, quando estava tendo essa prática esportiva, tinha que ter pra criança”. (PE1)	“Na sala de aula o quê que é Educação Física pra nós? As nossas brincadeiras. A gente ensina o povo cantar, o povo dançar, acertar o passo . Pra nós é um processo de Educação Física, isso na sala de aula” (LI1).
“Tem a parte da corporalidade. Trabalha o movimento, a noção do espaço , a questão do próprio espaço cultural da aldeia. A gente trabalha os	“Tem também a brincadeira que a gente utiliza as nossas técnicas de caçada . A gente faz também, o futebol , mesmo que a gente não queira, mas tem	“Mas assim, é tudo voltado pra nossa realidade. Brincadeiras de roda , a pira pega, cola e também uma das práticas mais usadas é o arco e flecha , que	“Uma prática esportiva que a gente denominou peconha , a gente usa como atividade esportiva , tem competição (LI2)”.

³ A abreviação UR significa Unidade de Referência, a qual refere-se à unidade de texto (trecho, frase ou palavra) mencionado pelos participantes da pesquisa e que trata especificamente sobre o assunto analisado. No quadro acima, as unidades de texto em negrito correspondem à parte principal da UR e expressam o conhecimento ou conteúdos desenvolvidos nas aulas.

movimentos corporais na parte voltada pra dança , pros cantos, a questão da espiritualidade” (CP1).”	que ter um futebol no final... o rolar, a gente rola na terra, como eu sempre digo, a gente prepara o nosso corpo também, até na dança. ” (P1)”.	no caso, todo dia estava tendo essa prática esportiva (PE1).”	
A gente realizava a subida na bacabeira, a peconha , que era justamente a competição realizada tanto por homem quanto por mulher [...]têm a corrida com tora, o arco e flecha , que se exercita o músculo fazendo força, a canoagem.	“Tem por exemplo, a brincadeiras de roda. Os meninos têm um pouco de vergonha, nós como professores tentamos tirar o medo, a vergonha, até mesmo aprender as músicas (P2).	“Tem as brincadeiras de roda , que eram cantadas, com gestos, algumas na língua indígena, e tem também o arco e flecha, peconha , essa situação que acontece nos Jogos Olímpicos (PE2)”.	“A gente faz a corrida de tora , que é uma sobrevivência para a vida, carregar peso, tanto que a criança já garante aquela força. A corrida de velocidade , pra saber qual é o mais veloz”. (LI1)
Ideias centrais: 1ª: Nas aulas de EF os conhecimentos tratados nas aulas de EF envolviam atividades essencialmente relacionadas aos conteúdos Jogos e Brincadeiras, Esportes e algumas Práticas Tradicionais Indígenas. 2ª: O futebol consistia na principal modalidade esportiva desenvolvida pelos alunos e habitantes do território, entretanto, outras modalidades como o voleibol e o handebol eram ocasionalmente realizadas, porém não eram organizadas enquanto conteúdo curricular, ocorriam excepcionalmente no território.			

Fonte: Elaborado pelos Autores (2021).

Foram identificados 03 conteúdos principais referentes às aulas de Educação Física na escola indígena dos Borari: Jogos e Brincadeiras (conteúdo que os indígenas intitulavam como brincadeiras indígenas ou brincadeiras tradicionais), as Práticas Corporais Tradicionais e a Modalidade Esportiva Futebol.

O conteúdo Jogos e Brincadeiras destinava-se principalmente aos alunos das turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e os atores escolares exemplificavam a realização desse conteúdo a partir do relato do desenvolvimento das brincadeiras populares nas aulas. Apesar de sua ampla realização em diversos contextos, não são atividades essencialmente indígenas. Pertencem ao conjunto de manifestações provenientes da sociedade nacional e que, para os Borari, eram utilizados devido ao conhecimento dos professores que ministravam a disciplina, advindos do senso comum e da aceitação dos alunos da escola.

Algumas das atividades constantemente presenciadas, relacionadas a este conteúdo, foram: a bandeirinha, as cantigas de roda e o pula corda, manifestações da cultura de movimento que poderiam ser realizadas coletivamente durante as aulas e que, após o encerramento das atividades do

componente curricular, ocorriam de forma individual ou coletiva nos demais espaços sem a intervenção dos docentes.

Em um dos singulares documentos que proporcionam a sistematização dos conteúdos da Educação Física escolar para os povos indígenas, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (1998), é firmado que na perspectiva da Educação Escolar Indígena, durante a organização dos conhecimentos, os indígenas devem associar os conhecimentos propostos para a etapa da Educação Básica aos saberes provenientes de sua etnia.

Especificamente na Educação Física, deverão ser incluídos os conteúdos considerados mais atraentes aos indígenas, as atividades específicas do território e as brincadeiras e jogos da cultura popular que fazem parte do cotidiano dos alunos e se fazem presentes no contexto comunitário regional (BRASIL, 1998).

Observamos que os indígenas Borari possuíam conhecimento dessa perspectiva para a organização do componente curricular e que, em algum momento de sua formação e experiência profissional, compreenderam a importância de relacionarem aspectos do cotidiano indígena durante a sistematização dos conhecimentos que deveriam ser tratados na Educação Física de sua escola.

No estudo que pode ser considerado um dos primeiros produzidos no país acerca da temática abordada, intitulado: “A Educação Física na Escola Indígena-limites e possibilidades”, Albuquerque (1999) afirma que a Educação Física no âmbito da Educação Escolar Indígena apresenta as seguintes possibilidades: servir como elemento de releitura das práticas corporais da sociedade envolvente e como elemento de revitalização cultural e reforço da identidade.

Desta forma, constatamos que os indígenas estavam introduzindo algumas atividades pertencentes ao contexto relacionadas ao seu contexto social, as quais serão chamados nesta pesquisa de “Práticas Corporais Tradicionais”, devido a sua inserção enquanto conteúdo da Educação Física escolar no território.

Gruppi (2013) explicita que as práticas corporais consideradas pelos indígenas como “tradicionais” são as manifestações culturais dos povos indígenas que fazem parte de seus rituais, geralmente praticadas como forma de celebração e durante o reencontro de etnias, eventos nos quais tem-se a preocupação com resultados e performances. Daí tem-se a realização dos Jogos Tradicionais Indígenas e das modalidades pertencentes ao seu cotidiano (corridas, arremessos, arco e flecha, lutas, entre outros), salvo a modalidade esportiva Futebol, que enquanto manifestação da cultura ocidental, está muito presente no cotidiano dos povos indígenas e já figura como prática corporal essencial ao universo das etnias brasileiras.

No território dos Borari do Maró, observamos a realização de algumas destas práticas corporais consideradas tradicionais: A corrida de velocidade, a realização do arco e flecha, o

arremesso de lança e de peso, a prática da natação, a corrida com tora e a subida em peçonha, atividades físicas pertencentes ao seu contexto e que foram introduzidas nas aulas do componente curricular.

Figura 2 – Execução do Arremesso de Lança em uma aula de Educação Física.



Fonte: Arquivo dos Autores (2021)

Enquanto conteúdo da Educação Física escolar dos Borari, o arremesso de lança era realizado simplesmente como uma atividade física que exigia duas capacidades físicas (força e agilidade) para a execução do movimento correto, não havendo, neste caso, outra forma de trato do conhecimento desta modalidade, senão a exigência da execução correta e realização em formato de competição entre os alunos indígenas.

Esta pode ser considerada uma modalidade tradicional organizada pelos Borari como conteúdo de sua Educação Física. Era organizada sem a definição de critérios específicos para execução da prática e poderia ser realizada tanto pelos homens quanto pelas mulheres no formato de disputa entre duplas (masculina e feminina).

As Práticas Corporais Tradicionais geralmente eram realizadas com os alunos das turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental, devido às exigências físicas requeridas para a realização das competições e atividades propostas. Como exemplo, cito a prática da subida em peçonha, uma atividade cotidiana dos territórios indígenas que consistia no ato de escalar palmeiras (açaizeiro ou bacabeira) com um tecido resistente entre os pés, objetivando alcançar o seu topo para retirada do fruto.

Dentre as capacidades físicas exigidas para a realização da subida em peçonha, equilíbrio e agilidade são primordiais para que o indivíduo alcance o topo da palmeira. Além destas, resistência e força são necessárias para que, com o auxílio de um terçado, ferramenta utilizada para cortar ou

perfurar (também chamado de facão em outras localidades) os cachos sejam retirados da palmeira, colocados nas costas e seja realizada a descida sem haver desperdício dos frutos.

Conforme relato de um dos professores do território, mediante a realização dessa atividade cotidiana no território dos Borari, a subida em peconha configurou-se como uma importante modalidade tradicional desenvolvida na T.I. Maró. E, conseqüentemente, foi introduzida nas aulas de Educação Física e consolidada no ano de 2016 como modalidade esportiva em um importante evento indígena da região, o 1º Jogos Indígenas do Baixo Tapajós:

Uma das atividades que é realizada pela escola tornou-se em 2016 uma modalidade dos Jogos Indígenas do Baixo Tapajós. Para nossa alegria, saiu do Maró essa modalidade: a subida no açazeiro. Lá no Maró a gente realizava a subida na bacabeira, subida em peconha, que era justamente a competição realizada tanto por homens quanto por mulheres, o ato de subir e descer da bacabeira. O vencedor era quem levasse o menor tempo pra fazer esse percurso (COORDENADOR PEDAGÓGICO, 2019).

No relato acima é apreendida a importância que a prática da subida em peconha tem para os indígenas da região. Uma atividade primordial que é realizada no contexto regional, e que, mediante a compreensão da relevância de sua realização, os Borari a transformaram em modalidade tradicional. A importância dessa prática é tamanha na região que foi incluída modalidade nos jogos mencionados, que envolveram todo o Baixo Tapajós.

O ato de correr propriamente dito, era realizado em vários momentos na aldeia. Esta prática era necessária em atividades cotidianas do território, em uma caçada na floresta, durante um percurso de longa distância ou para o acesso a outra aldeia. Portanto, era uma prática essencial ao modo de vida no território, devido ao fato de não haver outras alternativas de transporte, com exceção de raras bicicletas e algumas embarcações de madeira (barcos e canoas).

Mediante a realização desta atividade física, cotidiana e necessária para a sobrevivência no território, os Borari introduziram algumas práticas relacionadas às corridas enquanto conhecimentos do componente curricular. Inclusas em formas de Práticas Corporais Tradicionais, eram realizadas algumas competições nas aulas, tais como a Corrida de 100 metros, a Corrida com Tora, e a Corrida ao redor do campo (semelhante à Corrida de 12 minutos, organizada em formato de teste físico militar, o *Teste de Cooper*).

Durante a realização da Corrida de 100 metros, havia uma disputa entre meninos e entre meninas da mesma faixa etária (entre 7 e 10 anos), que competiam sem número determinado de participantes visando alcançar o melhor desempenho, chegar em primeiro lugar ao local delimitado pelos professores.

O terceiro conteúdo organizado na Educação Física escolar tratava-se da Modalidade Esportiva Futebol. Muito praticado e valorizado⁴, o futebol era vislumbrado diariamente tanto nas aulas de EF quanto ao entardecer por praticamente todos os integrantes da aldeia, exceto alguns idosos.

No que tange à inserção deste conteúdo, destacamos a tese denominada: “Etno-desporto indígena - contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang”. Defendida por Fassheber (2006). Nesse estudo, o autor conceitua o que chamou de Etno-Desporto, partindo do reconhecimento de identidade corporal e identidade do desporto e o espaço central que o futebol assume nas relações sociais estabelecidas pelos Kaingang.

Esporte conhecido mundialmente e, conforme afirma Fassheber (2006), modalidade esportiva ocidental mais praticada entre os indígenas do Brasil, na aldeia Novo Lugar, o futebol era realizado em todas as turmas da etapa do Ensino Fundamental, além de ser elemento fundamental para as práticas de lazer dos demais integrantes do território, os quais se reuniam no campo para acompanhar a realização da modalidade ao entardecer.

É importante ressaltar que, durante sua prática escolar, o futebol poderia ocorrer em times mistos, dependendo da quantidade diária de participantes da modalidade. Geralmente eram organizadas duas equipes compostas por alunos, entre crianças e adolescentes e praticada a modalidade com algumas alterações nas regras oficiais, que eram aplicadas tanto nas atividades escolares quanto nos momentos de lazer.

Há alguns anos, algumas definições organizadas pelos próprios praticantes da modalidade resultaram na regra de que nenhum jogador poderia falar palavrões e xingamentos durante a execução da partida, sob a pena de ser expulso do jogo durante 2 minutos. Outras alterações importantes durante sua prática foram introduzidas, como a realização do arremesso de lateral (retorno da bola ao campo) e o tiro de meta (quando o goleiro lança a bola para o centro do campo), ambos poderiam ser realizados com os pés ou mãos, ficando a critério do jogador.

Nas regras oficiais da modalidade esportiva, no campo, o arremesso lateral é realizado somente com as mãos e o tiro de meta somente com os pés, sugerindo indícios de uma adaptação das regras deste esporte para adequação às práticas escolares na T.I. Maró. As duas alterações na regra do esporte eram válidas tanto nas aulas de EF quanto nas práticas extraescolares e ainda que, de modo incipiente, pode-se afirmar que tais alterações nas regras eram fundamentais para a elaboração de novas formas de organização e realização da prática esportiva na aldeia.

4 Embora a aldeia contenha poucos habitantes, há dois times adultos de futebol que constantemente disputam jogos acirrados entre si. Um chamado ‘São Francisco’ e outro ‘Real Madrid’.

As modalidades esportivas voleibol e handebol foram mencionadas pelos atores escolares durante a produção dos dados (em somente um fragmento do relato de um professor entrevistado). Contudo, não observamos a realização dessas duas outras modalidades relacionadas ao conteúdo Esportes. Uma provável explicação para a ausência das modalidades citadas pode ser a falta de materiais e recursos adequados para sua realização, tendo em vista que tanto o voleibol quanto o handebol exigem recursos e materiais específicos (bolas diferentes, redes e quadra demarcada), infraestrutura básica que os indígenas não possuíam.

Outra ocorrência que poderia contribuir para a não existência dessas modalidades constava no relato de um professor que ministrava as aulas do componente curricular, o qual afirmava a ausência de conhecimento em relação ao esporte e a necessidade de buscar materiais *on-line* nas raras ocasiões que obteve acesso à internet e nas quais buscou informações a respeito da organização e regras específicas das modalidades realizadas.

A gente vai pegando o que a gente vai baixando da internet, ou a gente manda imprimir em algum cyber. Eu queria ter uma apostila pra gente ter embasamento do que é a regra do futebol, quais são as regras do vôlei, e a gente vai trazendo pra eles, mas assim mesmo de ter um curso específico na área, não tem. E era pra ter né? Porque a gente trabalha com crianças, mas todo esse tempo que eu estou trabalhando nunca teve (PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2019).

Na afirmação, um dos professores responsáveis pelas aulas de Educação Física relatava as dificuldades que enfrentavam para desenvolver modalidades esportivas que não fossem o futebol. Assim sendo, podemos afirmar que havia uma única modalidade esportiva realizada no território e nas aulas de EF, uma das práticas corporais mais frequentes entre os povos indígenas devido à não exigência de materiais de maior poder aquisitivo, senão a existência de um espaço amplo (o campo) e uma bola da modalidade esportiva.

Mediante a inexistência de um Plano de Ensino do componente curricular, eram organizadas pelos docentes algumas estratégias e métodos para a realização dos conteúdos da disciplina escolar que ocorriam no ambiente escolar, na sala de aula e no campo, mas que poderiam ocorrer em locais externos à instituição, tais como no Centro de Apoio, no Rio Maró e no roçado.

Verificamos também que os professores não definiam anteriormente os conteúdos e metodologias de ensino que seriam realizados nas aulas, as quais também poderiam tão somente atender às vontades e aspirações dos alunos. Contudo, um elemento positivo durante a realização das atividades relacionadas à EF era a realização da roda de conversa com todos os alunos para que fosse iniciada a aula. Momento em que todos os alunos eram reunidos e em seguida eram separados em duas grandes equipes. A partir de uma classificação por estatura, os alunos mais altos eram separados

dos alunos mais baixos. Assim, eram iniciadas as atividades, divididas em dois momentos: do primeiro, participavam os alunos do grupo A, momento em que eram desenvolvidos com o grupo os jogos e brincadeiras propostos pelo professor e/ou escolhidos pelos alunos. No segundo momento, as atividades eram destinadas ao grupo B, os quais realizavam a modalidade esportiva futebol e algumas práticas tradicionais.

Outro elemento observado durante a realização das aulas era que os professores do componente curricular e a coordenação pedagógica estavam utilizando o horário das aulas para a realização de atividades físicas ou práticas extraescolares que eles introduziram enquanto atividades cotidianas de sua cultura.

Nestas atividades cotidianas, eram realizadas as práticas corriqueiras relacionadas ao cotidiano indígena que, necessariamente, não estavam associadas aos conteúdos previstos, às categorias inerentes à disciplina Educação Física. Contudo, eram realizadas enquanto atividades físicas necessárias à sobrevivência no território e que os Borari estavam incluindo no componente curricular.

A necessidade da inclusão das práticas corriqueiras enquanto conhecimentos inerentes ao componente curricular é destaque na pesquisa de Anastácio Neto (2007), autor que buscou investigar e compreender o processo de ensino-aprendizagem produzido pela Educação Física em uma escola indígena situada em Mato Grosso do Sul.

Após a incursão na realidade escolar, o autor evidencia a limitação da educação escolar indígena, no que concerne a sua estruturação curricular e organizacional, devido ao processo recente de implementação da escola indígena. Em relação ao componente curricular, afirma que não há uma sistematização dos conhecimentos da área na prática pedagógica e ressalta a importância de uma proposta de Educação Física intercultural, voltada para a formação social do aluno que possibilite a construção de sua personalidade e possa fortalecer sua identidade cultural.

Apresentamos no quadro abaixo, todas as atividades ou práticas corporais realizadas nas aulas de EF e suas divisões nas categorias de ensino do componente curricular:

Quadro 2 - Categorias e atividades realizadas nas aulas de Educação Física

JOGOS E BRINCADEIRAS	PRÁTICAS CORPORAIS TRADICIONAIS	MODALIDADES ESPORTIVAS
Bandeirinha	Arco e Flecha	Futebol
Pula corda	Subida em Peconha	Handebol
Cabo de Guerra Humano	Corrida de 100 metros	Voleibol
Queimada	Arremesso de lança	

Cantigas de roda	Corrida com tora	
Danças e rituais indígenas	Canoagem e natação	

Fonte: Elaborado pelos Autores (2021).

Verifica-se no quadro acima as 03 categorias ou conteúdos de ensino organizados pelos Borari na escola indígena e as diversas atividades, brincadeiras ou Práticas Corporais Tradicionais que estavam sendo desenvolvidas nas aulas. Esta classificação em 03 grandes categorias representava o significativo esforço dos indígenas para sistematizar o conhecimento referente ao componente curricular de acordo com o conhecimento que possuíam a respeito da Educação Física e a válida tentativa de introduzir Práticas Corporais Tradicionais referentes à sua realidade em sua instituição de ensino.

No entanto, a organização das atividades relacionadas ao componente curricular e a inserção das Práticas Corporais Tradicionais em sua proposta, perpassavam um lento processo de implementação, devido às dificuldades enfrentadas pelos professores.

Como destacamos anteriormente, todas as atividades realizadas em torno da Educação Física decorriam das raras experiências obtidas junto ao Curso de Formação Intercultural Indígena, no qual todos os docentes indígenas apresentavam formação em Nível Superior.

Contudo, nenhum professor do território apresentava a formação específica para ministrar as aulas do componente curricular. Sendo assim, a organização do componente curricular se dava mediante uma prática pedagógica incipiente, restrita à organização de atividades físicas e brincadeiras sem quaisquer orientações didático-pedagógicas e qualquer fundamentação teórica fornecida pela Secretaria Municipal de Educação do município de Santarém-PA.

Portanto, no que diz respeito ao planejamento e organização das aulas de Educação Física, na escola dos Borari da Aldeia Novo Lugar, é correto afirmar que haviam dois grandes desafios para a sistematização dos conhecimentos relativos ao componente curricular: a ausência de formação continuada do profissional atuante na área de conhecimento estudada e a presença do professor licenciado em Educação Física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de mestrado desenvolvida sobre a temática Educação Física e Educação Escolar Indígena. A pesquisa foi realizada na escola dos Borari da aldeia Novo Lugar da T.I. Maró, situada na região do rio Arapiuns, no município de Santarém-PA.

Durante a concretização deste estudo detectamos que, para implementação de uma proposta pedagógica diferenciada em seu território, os indígenas Borari passaram a estruturar o PPPI da escola indígena e introduzir alguns conhecimentos de sua realidade em suas atividades escolares. Circunstância que ocasionou modificações no componente curricular e a inserção de “Práticas Corporais Tradicionais” como conteúdo de ensino da EF.

As modificações organizadas pelos Borari em sua instituição escolar implicaram na reorganização do componente curricular Educação Física, que passou a ser desenvolvida mediante a sistematização de 03 conteúdos de ensino: Jogos e Brincadeiras, Práticas Corporais Tradicionais e a Modalidade Esportiva Futebol. Estas categorias, no entanto, eram condicionadas à realização de meras atividades físicas, sem a devida fundamentação teórica e ultrapassavam inúmeros desafios, devido, sobretudo, à inexistência do professor licenciado em EF e a necessidade de orientações didático-pedagógica, que deveriam ser fornecidas pela SEMED-STM.

As dificuldades enfrentadas pelos Borari no âmbito do componente curricular não necessariamente eram restritas a esta disciplina escolar. Foram diagnosticadas exclusivamente na T.I. Maró, mediante a realização deste estudo sobre a EF escolar, mas que de certa forma, representavam todo um contexto de desafios enfrentados pelas escolas inclusas na Categoria “Escola Indígena” do município de Santarém-PA.

Sendo assim, é possível inferir que os desafios enfrentados pelos Borari demonstram parte da realidade vivenciada pelas demais escolas indígenas da região, que ainda caminham a passos lentos para a efetivação de uma educação escolar que atenda às demandas de cada território. Para o componente curricular investigado, a realidade tende ainda a ser mais desafiadora devido à ausência de profissionais licenciados na área e a falta de formação continuada aos profissionais que atuam nas escolas indígenas da região.

REFERÊNCIAS

ABREU, Joniel Vieira de. **A implementação da educação escolar indígena no município de Santarém no período de 2006 a 2012**. 151f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém/ PA, 2014.

ALBUQUERQUE, Maria do Socorro Craveiro. **A Educação Física na Escola Indígena: limites e possibilidades**. 1999, 249f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

ANASTÁCIO NETO, Alfredo. **A educação física escolar na escola municipal indígena “Marcolino Lili”:** uma possibilidade de fortalecimento étnico. 145f. Campo Grande, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional, 1988. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao1988.html. Acesso em 20 de agosto de 2019.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=26700. Acesso em 20 de agosto de 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei 9.394 completa e atualizada. Centro de produções técnicas, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 16 de agosto de 2019.

FASSHEBER, Jose Ronaldo Mendonça. **Etno Desporto indígena**: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang. 170 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2006.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: Pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 9-24, set. 2009. Disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/files/354/entre_o_nao_mais_e_o_ainda_nao.pdf. Acesso em 01 de junho de 2021.

GRUPPI, Deoclecio Rocco. **Jogos dos povos indígenas**: trajetória e interlocuções. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2013.

PARENTE, Claudia da Mota Darós. Escolas Multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 57-88, jan./mar. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362014000100004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 07.06.2021.

RODRIGUES, Gilberto César Lopes. **Surara Borari, Surara Arapium**: a educação escolar no processo de reafirmação étnica dos Borari e Arapium da terra indígena Maró. 216f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2016.

RODRIGUES, Gilberto César Lopes. Quando a escola é uma flecha: Educação Escolar Indígena e Territorialização na Amazônia. **Revista Exitus**, Santarém/PA, vol. 8, nº 3, p. 396-422, Set/dez. 2018. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/651>. Acesso em 20 de agosto de 2019.

SANTARÉM. **Projeto Político Pedagógico Indígena**. Projeto Político Pedagógico Makú. Santarém-Cachoeira do Maró- Pará. Junho de 2021. Disponível em: https://1drv.ms/b/s!AsCHdXXh8G_hrEhn1EVsOguO6Epj?e=PD4jKx. Acesso em 20 de agosto de 2021.

SILVA, Georgia da. Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação dos Limites da Terra Indígena Maró, Elaborado Conforme Portaria No 14/MJ/1996. In: **Processo FUNAI 08620.000294/2010**. Brasília: FUNAI, 2011, folhas. 317-518.

TRIVINOS, Algusto. Nivaldo. Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio do cacique Dadá Borari da Terra Indígena Maró e do jornalista Jeferson Silva Santos.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES - Os autores do manuscrito declaram não haver conflito de interesses de qualquer natureza.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à Motrivivência - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins não comerciais, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins não comerciais e compartilhar com a mesma licença.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva.

Publicado no Portal de Periódicos UFSC.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Juliano Silveira.

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosario, Maria Vitória Duarte.

HISTÓRICO

Recebido em: 24 de fevereiro de 2022.

Aprovado em: 29 de junho de 2022.